



**XXIII  
SEINPE**  
I FEIRA DE INOVAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
DA EDUCAÇÃO DO AMAZONAS

## **Banheiros epistêmicos: escrevivências à luz da disciplina metodologias de pesquisa com crianças**

**Carlos Antônio de Souza Ferreira Júnior – Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – carlos.mestrado.ufsc@gmail.com**

**Eixo 01 Inovação e Educação: pesquisas sobre as tecnologias em contextos amazônicos: explorar metodologias; processos educativos inovadores; experiências, práticas; tecnologias em espaços educacionais amazônicos**

### **Resumo**

A noção de *escrevivência*, de Conceição Evaristo (2020), ultrapassa a literatura e constitui-se como perspectiva epistemológica que reconhece vivências e memórias como fontes legítimas de saberes. Este trabalho apresenta reflexões oriundas da disciplina *Metodologias de Pesquisa com Crianças*, ministrada pela professora Tacyana Karla Gomes Ramos no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC, que buscou discutir fundamentos teóricos, procedimentos e implicações éticas da pesquisa no campo da Educação Infantil e frente as infâncias. Os encontros remotos articularam debates coletivos, leituras de referenciais, análise de vídeos e dinâmicas em grupo. Foram trabalhados conceitos como ética de encontro e vigilância epistemológica (Fernandes, 2016), autoria e autorização (Kramer, 2002), a escuta como pilar epistemológico (Spinelli, 2022) e os desafios etnográficos nos Estudos da Infância (Ferreira & Nunes, 2014). Essa metodologia fomentou a reflexividade crítica e a problematização do lugar do pesquisador diante das infâncias. As discussões evidenciaram a necessidade de superar concepções adultocêntricas, reconhecendo as crianças como sujeitos sociais e de direitos. A escuta foi tratada como atitude ética e política capaz de legitimar diferentes linguagens: verbais, corporais e gestuais. Destacou-se a importância do consentimento e assentimento infantil como garantias de participação ativa, além do cuidado em interpretar recusas e desconfortos como expressões legítimas de agência. Outro ponto central foi a crítica à concentração de pesquisas em contextos escolares e em crianças de 4 a 6 anos, em detrimento de bebês e de ambientes não institucionais. Defendeu-se a flexibilidade metodológica para abranger múltiplas infâncias, reconhecendo que mesmo os mais pequenos participam do mundo social por meio de interações e expressões não verbais. Nesse processo, a vigilância epistemológica mostrou-se fundamental para que o pesquisador reflita sobre seus próprios atravessamentos e responsabilidades. Conclui-se que a disciplina se constituiu como espaço potente de formação ética, teórica e afetiva. A *escrevivência* revelou-se uma lente fértil para compreender a pesquisa com crianças como prática de resistência e transformação, onde teoria e experiência se entrelaçam. Pesquisar com crianças, portanto, implica não dar voz, mas garantir condições para que sejam ouvidas, reconhecidas e valorizadas em sua pluralidade.

**Palavras-chave:** Escrevivência; Metodologias; Pesquisa com crianças.

## Contextos e caminhos metodológicos

A escrevivência foi cunhado pela escritora negra e brasileira Conceição Evaristo, a qual advoga que a “Escrevivência nunca foi uma mera ação contemplativa, mas um profundo incômodo com o estado das coisas. É uma escrita que tem, sim, a observação e a absorção da vida, da existência” (Evaristo, 2020, p. 34). Assim, apesar de oriundo da literatura, esse termo atravessa o imaginário das artes.

Ou seja, não é só mais uma forma de escrever, constitui-se como uma abordagem epistemológica. Traduz-se como modo de produzir conhecimento, reconhecendo as vivências, memórias e experiências como fontes legítimas de saberes. Nessa perspectiva, a escrita deste trabalho potencializa-se como um território de possibilidades para a reflexão e mudanças.

Antes de adentrarmos as narrativas e considerações a respeito do movimento realizado no âmbito da disciplina que inspira esse texto, é necessário contextualizar para você, leitor, esse processo. Dessa forma, expõe-se que a tecitura das narrativas de aprendizagens apresentadas aqui, se dão a partir das vivências na matéria: Metodologias de pesquisa com crianças, ministrada pela professora doutora Tacyana Karla Gomes Ramos, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Vale ressaltar que a síntese intencional pedagógica, foco da disciplina, são os seguintes pontos: introdução à pesquisa com crianças; Princípios éticos; Abordagens teórico-metodológicas da pesquisa com crianças; contribuições da pesquisa com crianças para a discussão das Pedagogias da Infância e qualidade no contexto da Educação Infantil. Com base nessa ementa, construímos no decorrer de nossos encontros remotos, aprendizagens e reflexões significativas que ecoaram os nossos objetivos:

1. Compreender diferentes abordagens teórico-metodológicas da pesquisa com crianças;
2. Analisar diferentes procedimentos de produção e análise de dados na pesquisa com crianças;

### 3. Analisar as implicações da pesquisa com crianças para a discussão da qualidade no campo da Educação Infantil.

Assim, a construção deste trabalho inscreve-se no campo das pesquisas qualitativas em educação, tomando como referência a disciplina *Metodologias de Pesquisa com Crianças* do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A escolha metodológica fundamenta-se na compreensão de que os processos formativos vividos pelo pesquisador podem constituir-se como dados legítimos para reflexão e análise, desde que tratados com rigor epistemológico e ancorados em referenciais que legitimem a dimensão narrativa e experiencial como fonte de conhecimento. Nesse sentido, o estudo adota como eixo a perspectiva da *escrivência* (Evaristo, 2020), entendida como prática de produção de conhecimento que articula vivências pessoais e coletivas, memórias e afetos, superando a dicotomia entre sujeito e objeto da pesquisa.

O corpus do trabalho foi constituído a partir de registros reflexivos produzidos durante os encontros remotos da disciplina, que incluíram: (i) anotações pessoais em diário de bordo; (ii) sínteses elaboradas a partir de leituras orientadas (Fernandes, 2016; Kramer, 2002; Spinelli, 2022); (iii) análises coletivas de vídeos e materiais audiovisuais apresentados pela docente; e (iv) falas compartilhadas em atividades em grupo. Esses registros foram mobilizados não como mera descrição, mas como narrativas analíticas, em que a experiência é revisitada criticamente à luz da literatura científica.

Para garantir a consistência e a confiabilidade do percurso metodológico, adotou-se a triangulação entre diferentes fontes de informação (diários, textos teóricos, debates coletivos e materiais audiovisuais), permitindo a validação cruzada das interpretações. Além disso, utilizou-se o princípio da vigilância epistemológica (Bourdieu, 2003), compreendido como exercício contínuo de autoanálise do pesquisador em relação às suas posições, afetos e atravessamentos.

Esse percurso metodológico se ancora também na ética da pesquisa com crianças, entendida como princípio que atravessa todas as etapas do processo investigativo



**XXIII  
SEINPE**  
I FEIRA DE INOVAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
DA EDUCAÇÃO DO AMAZONAS

(Fernandes, 2016). Embora o estudo não envolva diretamente crianças como participantes, mobiliza referenciais e experiências voltados a esse campo, adotando, por coerência, a postura de respeito, cuidado e reflexividade que orienta a pesquisa com sujeitos infantis.

Dessa forma, a metodologia adotada articula experiência formativa, narrativa reflexiva e rigor teórico-analítico, configurando-se como prática de *escrevivência científica*. Tal abordagem permite reconhecer que produzir conhecimento com base em vivências não significa subjetividade descontrolada, mas, ao contrário, um exercício crítico de inscrição de si na pesquisa, assumindo a inseparabilidade entre teoria, prática e ética.

### **A trajetória e suas reflexões**

Mediante a isso, posso contar-lhes que em nosso primeiro momento formativo ficou evidente o contentamento da docente em ver uma turma que podemos considerar numerosa. Tendo em vista uma temática tão específica e muitas das vezes abafada no campo acadêmico. Logo, começamos com uma dinâmica onde todos puderam se apresentar, falar de suas expectativas, receios e as realidades que os conduziu até aquele momento.

Esse diálogo foi muito importante, não apenas para mostrar a abertura da professora em ouvir e demonstrar seu interesse em gerar vínculo com os discentes. Mas também para a formação do sentimento de pertencimento em cada um de nós. Contribuindo para o germinar do pertencer, buscando antes de mais nada “[...] uma dimensão amorosa, encorajando-nos recorrentemente a seguir em busca do pertencimento e da cura, por meio da formação e da manutenção de comunidades de cuidado e de amor” conforme hooks (2023, p. 18).

Além disso, essa troca com a professora e minhas colegas sinalizou um interesse em comum: compreender possíveis caminhos para o desenvolvimento de pesquisas com e para crianças, considerando os atravessamentos éticos e sobretudo o respeito às infâncias.



**XXIII  
SEINPE**  
I FEIRA DE INOVAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
DA EDUCAÇÃO DO AMAZONAS

Outro ponto que quero destacar é o fato de eu ser a única pessoa da turma que se identificava com o gênero masculino, o que é comum para mim em minha trajetória acadêmica. Mas me gera inquietações a respeito de como as questões de gênero ainda refletem nesses ambientes outrora vistos como “coisa de mulher”. Isso se considerarmos o avanço das mulheres em espaços educacionais, principalmente na pós-graduação.

Mais que isso, me fez lembrar estudos a respeito da docência masculina na pedagogia e os debates ferozes acerca desse tema. Acredito que o lugar de pesquisador homem nos estudos das crianças e infâncias se torna uma lacuna ou ramificação dessas discussões.

No encerramento da aula, a docente enviou para a turma um vídeo que trazia a fala da professora doutora Natália Fernandes no evento “Pedagogias da Infância”, organizado por dois grupos de pesquisa, o Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação da Infância (NEPE) e o Grupo de Estudo e Pesquisa em Alfabetização e Letramento (GEALI), ambos da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Como proposto durante o primeiro encontro, também haveria questões a serem respondidas com base nesse material, sendo elas:

- ❖ Como considerar a participação das crianças no contexto da Educação Infantil? Comente e justifique sua resposta:
- ❖ Qual a relação das principais ideias da conferência com a pesquisa com crianças? Comente.

Ao questionamento inicial, a partir da minha compreensão sobre a fala da professora Natália, é notória a prioridade em garantir o envolvimento ativo e participativo das crianças nas relações da creche, reconhecendo-as como sujeitos de direitos. Rompendo com a cultura adultocêntrica que abafa vozes infantis e invisibiliza suas existências e capacidades de construir sentidos e significados importantes para as práticas pedagógicas e espaços educacionais.

O vídeo contrapõe-se à ideia de que as instituições devem ser de domínio dos adultos, fomentando a concepção de que devem ser construídas para e pelas crianças.



**XXIII  
SEINPE**  
I FEIRA DE INOVAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
DA EDUCAÇÃO DO AMAZONAS

A convidada também estilhaça o entendimento equivocado de criança como sinônimo de recipiente passivo, instigando a luta pelo direito das crianças atuarem ativamente, mesmo que sujeitas a erros. Trazendo como pano de fundo o debate sobre conceitos como “cidadania disciplinada” e “ética de encontro”, onde as vozes dos sujeitos das infâncias e dos adultos ressoam em práxis conscientes na construção do bem comum, ambientes dignos e na equidade de direitos. Dessa forma, o processo torna-se mais democrático e as aprendizagens significativas, distanciando as creches da compreensão de “depósitos”.

Tratando-se da segunda questão, congruente à pesquisa com crianças, que visa promover a agência e oportunizar espaços para as vozes das infâncias serem ouvidas nos processos de buscas científicas e não somente objetificá-las. A fala da professora no vídeo destacou a importância de construirmos locais para as crianças participarem ativamente em relações de aprendizagens significativas.

Pesquisar com crianças não basta romper com as relações de poder desiguais instauradas entre adultos e crianças em nossa sociedade. É necessário compreender esses seres como sujeitos de direitos, sobretudo considerando seus conhecimentos e vivências como fontes de saberes. Aplicando-se assim, intrinsecamente, a “ética de encontro”, solidificando bases de respeito e confiança entre crianças e pesquisadores que acolhem esse caminho.

No encontro posterior, a turma debateu as observações em relação ao vídeo mencionado, como também sobre um aspecto fundamental relacionado à pesquisa com crianças, denominado: “Vigilância epistemológica”. Esse conceito traduz-se, em meu ponto de vista, como um espelho de autoavaliação do pesquisador. No qual ele deve analisar criticamente seus atravessamentos ligados às infâncias, se afastando de um olhar determinante.

Em nosso diálogo, também externalizamos a importância e a preocupação em haver um delineamento processual. Não é nada aleatório e despretenso, a pesquisa com crianças não é feita ao acaso. As crianças modificam o espaço-tempo que integram, logo, suas ações inevitavelmente atravessam os desdobramentos de



pesquisas. Nesse cenário, o pesquisador é um portal de mediações, que possibilita o protagonismo da criança, mas não a deixa à deriva.

Uma verdade fortalecida em nossas aulas é a necessidade de teorias e práticas caminharem juntas, não se sobrepondo, mas sim complementando-se. Garantir direitos é também prezar pela qualidade, inclusive a respeito do desenvolvimento de pesquisas com crianças, que devem ser bem planejadas e executadas com sensibilidade e ética.

Ainda nesse contexto, a professora compartilhou com a turma o vídeo da pesquisadora Rafaela, que realizou no início do seu estudo de doutorado uma “oficina de assentimento” com as crianças que participaram da pesquisa. Essa rica articulação demonstrou não apenas o respeito pelas crianças enquanto sujeitos de direitos. Mas também a gama metodológica, tanto sobre a postura e conduta da pesquisadora, quanto em relação às expressões, sentidos e posicionamentos das crianças ao serem informadas e questionadas a respeito das etapas e finalidades da investigação.

Dessa ação, apenas duas crianças negaram o assentimento, em conjunto com as colegas levantamos hipóteses de quais fatores poderiam ter influenciado ou determinado essas escolhas. Uma forma de revidar à pesquisadora que anteriormente “interrompeu” uma brincadeira? Uma criança estava insatisfeita e a outra prestou seu apoio como demonstração de afeto? Ambas só não queriam participar, ou outras questões? De toda forma, essa reflexão é importante para que o pesquisador se avalie e consiga interpretar as crianças respeitosamente a partir de suas próprias atitudes. E este “sinal de alerta” deve estar presente do início ao final do projeto, ao menor sinal de desconforto, prioriza-se o bem-estar dos pequenos.

No encontro seguinte, continuamos o diálogo a respeito de questões éticas como comitês, consentimento, assentimento e suas diferenças. Somada a essas discussões, também trouxemos reflexões com base em textos lidos como a “*Ética na pesquisa com crianças: ausências e desafios*” (Fernandes, 2016) que destaca alguns desafios fundamentais a serem superados para alcançar uma ética eficaz na pesquisa com crianças. Estes envolvem a necessidade de refletir sobre as relações de poder entre adultos e crianças; o desafio das hierarquias protocolares e como elas podem

prejudicar a visibilidade epistemológica das crianças na pesquisa; e, por fim, um questionamento crítico sobre a maneira como a autoria, tanto de crianças quanto de adultos, é protegida na análise, interpretação e produção dos dados.

Contribuições como a de Kramer (2002) no texto “*Autoria e autorização: questões éticas em pesquisas com crianças*” que examina questões éticas surgidas em investigações envolvendo crianças de diferentes faixas etárias, categorias e circunstâncias. Falando sobre as ideias de infâncias por trás dos estudos que estão em discussão, analisando três pontos principais: os nomes reais ou inventados de crianças que foram vistas ou entrevistadas, refletindo se esses nomes devem ou não ser mostrados na apresentação da pesquisa. O segundo aborda o uso de imagens de crianças (seus rostos) particularmente a permissão para a utilização dessas imagens (seja em fotografias, vídeos ou filmes). O último diz respeito às implicações ou ao impacto social decorrente dos resultados dessas pesquisas, e indaga como colaborar e restituir os achados, prevenindo que crianças enfrentem as repercussões desse retorno no contexto das instituições educacionais que frequentam e que foram analisadas.

Na aula subsequente, a docente nos encaminhou a dissertação de Carolina Shimomura Spinelli, denominada “*As metodologias de pesquisa com criança na escola: o ‘ouvir’ como uma tendência*” para que fizéssemos análises. A autora advoga que o “ouvir” é um pilar epistemológico e político essencial para a produção de conhecimentos com e sobre as crianças, não sendo compreendido apenas como ação do sentido.

Assim, segundo Spinelli (2022) o ato de ouvir é um modo de reconhecer a criança como interlocutora legítima, capaz de produzir sentidos sobre suas experiências. Esse deslocamento epistemológico rompe com o adultocentrismo e evoca uma postura de escuta ativa. Mais que isso, ela sublinha a reflexividade do pesquisador, a necessidade em manejar a imprevisibilidade, abdicar do controle e reconhecer os próprios limites éticos e metodológicos.

Na aula seguinte, discutimos sobre o termo de autorização de imagem, ressaltando a importância de obter o consentimento dos participantes para o uso de suas imagens.





**XXIII  
SEINPE**  
I FEIRA DE INOVAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
DA EDUCAÇÃO DO AMAZONAS

Quando essa autorização não estiver prevista no Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), será necessário elaborar um documento complementar para suprir essa ausência.

Também abordamos a alteração do termo “consentimento livre e esclarecido” para “consentimento livre e informado”, uma vez que o uso da palavra “esclarecido” pode carregar concepções equivocadas e até conotação racista. Bem como as diferenças entre Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e Termo de Assentimento Livre Esclarecido (TALE). Assim, destacamos que mudanças nos documentos devem ser feitas sempre que provocarem desconforto ou receberem críticas por parte dos envolvidos.

A professora Tacyana propôs que a turma fosse dividida em dois grupos para refletir sobre o assentimento em pesquisas com crianças. O grupo 1, voltado para estudos com bebês, destacou que, por não haver assentimento verbal, a aceitação deve ser percebida nas relações estabelecidas, a partir de movimentos corporais e expressões faciais, respeitando sinais de desconforto (como choro) e acolhendo convites para interações. Ressaltaram também o cuidado em permitir que os bebês explorem os instrumentos de pesquisa, como câmera ou diário de campo. O grupo 2 elaborou uma oficina para solicitar o assentimento de crianças de 4 a 6 anos, usando uma narrativa lúdica para apresentar o pesquisador, explicar objetivos, formas de participação (brincadeiras, conversas, desenhos, registros) e benefícios, bem como informar riscos e garantir o entendimento que podem desistir a qualquer momento.

Essas propostas dialogam com o que apontam os Estudos da Infância e a Sociologia da Infância sobre a centralidade das crianças como sujeitos sociais e de direitos, enfatizando a necessidade de escutá-las e respeitar suas formas próprias de comunicação, sejam verbais ou não. Conforme Fernandes (2016), a ética na pesquisa com crianças, como já mencionado, exige atentar para questões de poder, evitar o *eticocídio* e construir relações que reconheçam a alteridade infantil, incorporando mecanismos de consentimento e assentimento adaptados às suas idades, contextos e competências.

Já Ferreira e Nunes (2014) reforçam que, inclusive com crianças muito pequenas, a etnografia deve considerar gestos, olhares e interações como expressões legítimas de aceitação ou recusa, superando a visão adultocêntrica e reconhecendo múltiplas infâncias. Assim, as estratégias dos grupos e as falas construídas com a turma exemplificam práticas que materializam esses princípios: valorizam a agência infantil, respeitam ritmos e modos de interação e reconhecem o direito de participação ativa no processo de pesquisa.

Em outro momento da aula, ainda em grupos, tecemos um conjunto de falas que evidenciaram o alargamento de conhecimentos no âmbito da pesquisa com crianças como a crítica sobre a apropriação banalizada de referenciais da antropologia nos estudos da infância. Quando desconsideram a necessidade de contextualizar socio-historicamente a criança, acabam por reforçar perspectivas que a tratam como mero objeto de estudo ou como um sujeito “incompleto”, à margem da vida social. Tal postura invisibiliza a diversidade das infâncias e mantém a hegemonia de concepções adultocêntricas.

Soma-se a isso a constatação de limites etários e espaço-temporais nas pesquisas: há menor atenção às crianças de 0 a 3 anos e uma concentração excessiva em espaços institucionais formais, restringindo a compreensão de suas experiências, reduzindo a amplitude dos contextos que compõem seu cotidiano. Diante disso, ficou evidente a necessidade de adotar novas abordagens que incorporem maior diversidade de cenários e realidades infantis, ampliando o olhar para além da escola e da creche.

Nesse sentido, a flexibilidade metodológica é fundamental, ao permitir a adaptação de procedimentos capazes de captar expressões infantis que extrapolam a linguagem verbal. Mesmo que os bebês dependam diretamente dos adultos, isso não os exclui de sua condição de participantes ativos do mundo social. Ao contrário, eles interagem, comunicam-se por gestos, expressões e movimentos, influenciam e são influenciados pelas relações que estabelecem. Dimensões que, quando reconhecidas e interpretadas etnograficamente, revelam a complexidade e a riqueza de sua participação na vida coletiva.

## Comentários de fechamento

Conclui-se que a disciplina Metodologias de Pesquisa com Crianças através do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ministrada pela professora Dr<sup>a</sup>. Tacyana Karla Gomes Ramos constituiu-se como um espaço formativo potente, capaz de articular teoria, prática e reflexividade crítica na construção de saberes voltados para a pesquisa eticamente comprometida com as infâncias. Ao longo dos encontros, cumpriu-se com profundidade o objetivo de compreender diferentes abordagens teórico-metodológicas, analisando procedimentos de produção e análise de dados, produzindo reflexões sobre as implicações dessas pesquisas para a discussão da qualidade na Educação Infantil.

O percurso possibilitou não apenas a aquisição de conhecimentos técnicos, mas também o despertar de afetos e inquietações fundamentais para a atuação como pesquisador. A valorização da escuta, entendida como pilar epistemológico e político, o reconhecimento da criança como sujeito social e de direitos e a crítica ao adultocentrismo foram fios condutores que atravessaram todas as discussões. Temas como consentimento, assentimento, ética de encontro, vigilância epistemológica e autoria se articularam à prática investigativa, reforçando que pesquisar com crianças exige respeito aos seus tempos, modos de expressão e contextos de vida.

Os debates, textos e dinâmicas em grupo promoveram o deslocamento de concepções restritivas, ampliando o olhar para múltiplas infâncias e para a diversidade de cenários que compõem as experiências infantis. Especialmente ao problematizar a ausência histórica de estudos com crianças de 0 a 3 anos e o excesso de pesquisas centradas em ambientes institucionais. A partir dessa crítica, emergiu a importância da flexibilidade metodológica para captar expressões que extrapolam a linguagem verbal, reconhecendo o valor das interações corporais, gestuais e emocionais como formas legítimas de participação no mundo social.

Nesse contexto, a noção de *escrevivência*, inspirada em Conceição Evaristo, mostrou-se uma lente fecunda para compreender a produção de conhecimento como prática situada, atravessada pelas experiências, memórias e afetos do pesquisador.



**XXIII  
SEINPE**  
I FEIRA DE INOVAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
DA EDUCAÇÃO DO AMAZONAS

Assim como na literatura, a *escrevivência* na pesquisa com crianças rompe com a pretensa neutralidade científica, assumindo que nossas narrativas e análises são marcadas pelas vivências que carregamos e pelos encontros que estabelecemos. Ao adotar essa perspectiva, reconhecemos que a escrita acadêmica pode ser também território de resistência e transformação, no qual se articulam saberes pessoais e coletivos, permitindo que as vozes infantis ecoem não como dados frios, mas como histórias vivas que nos convocam à ação.

Para além dos resultados acadêmicos, a disciplina gerou vínculos, sentimentos de pertencimento e um compromisso ético-afetivo com o campo de estudo. Fortaleceu a convicção de que pesquisar com crianças é um ato político, que implica rever relações de poder, desconstruir práticas excludentes e promover espaços de coautoria e participação genuína.

Encerramos este caminho com a certeza de que os aprendizados construídos seguirão reverberando nas trajetórias de pesquisa e atuação de cada participante. A disciplina reafirmou que produzir conhecimento com crianças é um exercício contínuo de escuta, respeito e abertura para o inesperado. Um compromisso que une rigor metodológico, sensibilidade, *escrevivência* e responsabilidade social, em prol de infâncias mais visíveis, reconhecidas e valorizadas. Não damos vozes às crianças, oferecemos oportunidades de serem ouvidas.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **O ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

COUTINHO, Â. S. **As narrativas visuais e a formação para a docência com os bebês e crianças bem pequenas**. RELAdEI, v. 5, n. 4, p. 70–77, 2016.

EVARISTO, Conceição. **A escrevivência e seus subtextos**. In: DUARTE, Constância. NUNES, Isabella Rosado (Org.); LOPES, Goya (Ilustr.). *Escrevivência : a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020.

FERREIRA, M., & NUNES, Ângela. **Estudos da infância, antropologia e etnografia: potencialidades, limites e desafios**. 2014. Linhas Críticas, 20(41), 103–123.



**XXIII  
SEINPE**  
I FEIRA DE INOVAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
DA EDUCAÇÃO DO AMAZONAS

FERNANDES, N. **Ética na pesquisa com crianças: ausências e desafios.** *Revista Brasileira de Educação*, v. 21, n. 66, p. 759–779, 2016.

HOOKS, bell. **Pertencimento: um chamado à humanidade.** Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2023.

KRAMER, S. **Autoria e autorização: questões éticas em pesquisas com crianças.** *Cadernos de Pesquisa*, n. 116, p. 41-59, 2002.